

ACÍDIA, O “DEMÔNIO DO MEIO-DIA”: TÉDIO E SOFRIMENTO ESPIRITUAL NOS PRIMEIROS PADRES DO DESERTO

Stanley Kreiter Bezerra Medeiros*

Resumo: Este artigo investiga a acídia, conhecida como o “demônio do meio-dia”, a partir dos escritos dos primeiros padres do deserto, como Evágrio Pôntico, João Cassiano e São Crisóstomo. Partindo das origens do tema do tédio na Antiguidade, em autores como Sêneca e Plutarco, o estudo mostra como o cristianismo primitivo lhe conferiu densidade inédita ao compreendê-lo como sofrimento espiritual. Nos textos monásticos, a acídia aparece ora como tentação demoníaca, ora como fraqueza da alma, ora como responsabilidade pessoal diante da liberdade. A análise das fontes revela um fenômeno multifacetado, que oscila entre o enfado persistente, a exaustão espiritual e o desespero suicida, configurando-se como uma experiência universal da condição humana. Assim, compreender a acídia nos primórdios do cristianismo é também compreender a luta existencial contra o peso do tempo, a aridez da vida e o esvaziamento do sentido.

Palavras-chave: Acídia; Tédio; Cristianismo.

Abstract: This article examines acedia, known as the “noonday demon,” through the writings of the Desert Fathers, such as Evagrius Ponticus, John Cassian, and John Chrysostom. Beginning with the ancient roots of boredom in authors like Seneca and Plutarch, the study shows how early Christianity granted this phenomenon an unprecedented depth by framing it as spiritual suffering. In monastic texts, acedia appears alternately as demonic temptation, weakness of the soul, or personal responsibility in the face of freedom. The analysis of these sources reveals a multifaceted phenomenon that ranges from persistent weariness to spiritual exhaustion and even suicidal despair, constituting a universal experience of the human condition. Thus, understanding acedia in early Christianity also means grasping the existential struggle against the weight of time, the dryness of life, and the loss of meaning.

Keywords: Acedia; Boredom; Christianity.

* Doutor em Filosofia pelo Programa Integrado de Doutorado em Filosofia – UFRN/UFPB/UFPE (2013), possui mestrado em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (2008) e graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2005). É também graduado em Psicologia pela UNIFACEX-RN (2024), com ênfase na abordagem Fenomenológico-Existencial. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Lógica e Epistemologia, e atua como professor efetivo de Filosofia no Instituto Federal do Rio Grande do Norte (Brasil). De forma voluntária, exerce a função de psicólogo clínico, com formação em Psicologia Clínica na perspectiva Fenomenológico-Existencial, sendo inscrito no Conselho Regional de Psicologia. E-mail: stanley.medeiros@ifrn.edu.br

INTRODUÇÃO

O fenômeno do tédio acompanha a experiência humana desde tempos imemoriais, assumindo diferentes roupagens conforme o contexto cultural, religioso e filosófico. Se, entre os gregos, encontramos apenas menções esparsas ao mal-estar da ociosidade e da falta de sentido (Toohey, 1988; Ros Velasco, 2022), e em Sêneca (2020, 2021) a primeira tematização sistemática do *taedium vitae* (ou *cansaço de viver*), é no cristianismo primitivo que o tema alcança uma densidade inédita. Os monges do deserto, confrontados com a solidão, a monotonia e as exigências de uma vida ascética rigorosa, relataram em suas obras uma experiência espiritual peculiar: a acídia, também conhecida como “o demônio do meio-dia”. Essa forma de sofrimento não se restringia à mera fadiga ou ao simples enfado e tédio, mas se apresentava como um estado de indiferença, torpor e repulsa em relação às próprias práticas espirituais que deveriam conduzir à salvação.

Evágrio Pôntico, João Cassiano e São Crisóstomo, entre outros, se dedicaram a descrever, analisar e combater esse mal que desafiava a resistência dos monges em seus mosteiros e celas. A acídia aparece em seus escritos ora como tentação demoníaca, ora como enfermidade da alma, ora ainda como responsabilidade pessoal diante de escolhas e valores. Este artigo busca, portanto, revisitar essas fontes antigas, explorando como a experiência da acídia foi compreendida e registrada, e de que modo ela lança luz sobre o sofrimento existencial no horizonte da Antiguidade tardia.

O TÉDIO NA ANTIGUIDADE E A EMERGÊNCIA DA ACÍDIA

Embora Sêneca tenha sido o primeiro pensador a voltar-se mais detidamente ao fenômeno do tédio existencial através de sua descrição do *taedium vitae* (Sêneca, 2020, 2021), é razoável afirmar que esta temática tenha recebido uma atenção limitada durante a Antiguidade. Os antigos gregos possuíam em seu idioma a palavra *ἄλγος*, utilizada para designar um estado de aflição, agitação, distração e, é claro, tédio. Todavia, segundo Toohey (1990, p. 350), a primeira ocorrência não ambígua do termo em seu objetivo de designar o tédio propriamente dito aparece nas biografias de Plutarco (mais precisamente, no cap. 13, seq. 1, que trata sobre a vida do rei Pirro). O historiador escreve:

Nessa época, então, quando Pirro foi levado de volta a Épiro e desistiu da Macedônia, a sorte colocou em seu poder a possibilidade de desfrutar do que

possuía sem ser incomodado, a viver em paz e reinar sobre seu próprio povo. Mas ele achava **tedioso**¹ a ponto de **enjoar**² se não estivesse infligindo mal aos outros ou sofrendo nas mãos dos outros e, tal como Aquiles, não suportava a ociosidade. (Plutarco, 1920, p. 381-383, tradução e grifo nossos³)

Essa atenção relativamente tímida da literatura grega ao fenômeno do tédio viria a mudar com o advento do cristianismo e, de modo mais específico, com o surgimento dos primeiros cenóbios⁴ nos desertos a sudoeste de Alexandria, por volta de meados do século III D.C. Tal movimento colocou em cena um fenômeno que ficou conhecido na literatura cristã como *acedia* (“acedia” ou “acídia”, em português), um mal que afligia aqueles que se dedicavam à vida monástica. A palavra latina *acedia* deriva da palavra grega *ἀκηδία*, significando, literalmente, “falta de zelo”, “falta de cuidado” ou “falta de interesse”. Segundo Kuhn (1976), a *acídia* — também conhecida entre os primeiros padres do deserto como “o demônio do meio-dia”⁵ — designa “uma condição da alma caracterizada por torpor, secura e indiferença, culminando em um desgosto em relação a qualquer coisa que tenha a ver com o espiritual”⁶ (Kuhn, 1976, p. 40, tradução nossa). São Gaspar Bertoni, fundador da Congregação dos Estigmatinos, entende a *acídia* como:

[U]ma tristeza, um enfado, um torpor mental, tal fraqueza de ânimo, que afasta a vontade de fazer ou de começar alguma obra boa. E isso acontece justamente nas coisas espirituais, nas quais estão apoiadas a honra de Deus e a salvação do próximo. Para essas coisas, o acidioso prova aversão. A *acídia* se contrapõe à alegria espiritual, que nasce do amor e se compraz somente em Deus e nas coisas divinas. (Bertoni, 2018, p. 30)

¹ ἄλυν (acc.: achar tedioso, tomar por tedioso).

² ναυτιώδη, (acc.: *nautiodes*, em letras latinas, significando “enjôo”, “náusea”). Repare aqui mais uma vez a alusão à navegação. Em letras latinas, a expressão completa é *alus nautiodes*, significando algo como “tédio de enjôo” (do marinheiro) ou “tédio enjoado” (como o enjôo do marinheiro).

³ “At this time, then, when Pyrrhus had been driven back into Epeirus and had given up Macedonia, Fortune put it into his power to enjoy what he had without molestation, to live in peace, and to reign over his own people. But he thought it **tedious** to the point of **nausea** if he were not inflicting mischief on others or suffering it at others’ hands, and like Achilles could not endure idleness.”

⁴ Agrupamentos precursores do que hoje em dia conhecemos por mosteiros (ou conventos).

⁵ Em sua obra *Tratado da vida prática*, conhecida abreviadamente pelo termo grego *Praktikos* (Pôntico, 2003, p. 99), o asceta Evágrio Pôntico (?346-399 D.C.) utiliza expressões como “o demônio da *acídia*” e “o demônio do meio-dia”, em uma provável referência ao Salmo 91, versículo 6 da Bíblia: “Não temas a peste que se move sorrateira nas trevas, nem o demônio que devasta ao meio-dia.” (Bíblia, Sl., 91, 6) Em seus *Institutos* (*De institutis cenobiorum*), o asceta João Cassiano (360-435 D.C.) também utiliza a expressão “demônio do meio-dia” (*meridianum demonem*, acc.), além de “espírito da *acídia*” (*spiritu accidie*, abl.), destacando sua relação com o referido salmo (Cassiano, *liber decimus*). Como veremos com Evágrio, os sintomas da *acídia* costumavam manifestar-se entre às dez horas da manhã e às quatorze horas da tarde (tendo seu ápice no meio-dia).

⁶ “a condition of the soul characterized by torpor, dryness, and indifference culminating in a disgust concerning anything to do with the spiritual.”

O aparecimento desse fenômeno está fortemente vinculado às condições de seu surgimento, tanto históricas como geográficas. Os primeiros monges cristãos foram inicialmente ascetas ou anacoretas — isto é, viviam de forma isolada e solitária no meio do deserto. Suas vidas eram marcadas pela solidão, pelo jejum, pelas orações e punições auto-infligidas (Kuhn, 1976). Esses religiosos podiam contar apenas consigo mesmos para sua subsistência, dependendo tão somente do trabalho que suas próprias mãos eram capazes de produzir.

Uma rotina monótona e estafante constituída por isolamento, jejum, orações e trabalho manual sob o sol escaldante do deserto punha à prova até mesmo os mais dedicados à vida espiritual e resistentes ao tédio. Ainda assim, muitos, embora não necessariamente preparados para esse modo de ser, ficaram fascinados pela popularidade de alguns desses primeiros ascetas. Buscando uma vida espiritual repleta de sentido, essas pessoas foram atraídas para o deserto, passando a habitar nas proximidades das celas dos padres ermitões. Posteriormente, o conjunto dessas habitações acabavam formando um *coenobium* (cenóbio ou mosteiro). É dessas comunidades cristãs nascentes que obtemos os primeiros relatos sobre a acídia, bem como as primeiras formulações daquilo que mais tarde ficaria conhecido como “os sete pecados capitais”. A temática da lista de pecados (vícios, ou tentações demoníacas), assim como a discussão acerca dos remédios (ou estratégias de resistência) contra eles é algo muito presente nos textos desses padres.

EVÁGRIO PÔNTICO E O “MAIS OPRESSIVO DE TODOS OS DEMÔNIOS”

Em seu *Tratado da vida prática*⁷, o asceta Evágrio Pôntico discorre sobre os oito pensamentos, paixões ou demônios que acozzam o monge em seu longo e tortuoso caminho espiritual, quais sejam: gula, fornicção, avareza, tristeza, raiva, acídia, vanglória e orgulho. A acídia, compreendida como “demônio do meio-dia”, possui um *status* especial para Evágrio. Para ele, esse demônio é “o mais opressivo de todos” (Pôntico, 2003, p. 99), e costuma atacar o monge num período que compreende das dez horas da manhã às catorze horas da tarde. Em virtude das investidas do demônio do meio-dia, o tempo começa a passar muito lentamente, aumentando o tormento da vítima. Ao infeliz, resta a sensação de que “o dia parece ter cinquenta

⁷ Para esta obra, utilizamos a tradução inglesa de Robert E. Sinkewicz a partir do texto original grego, também conhecido abreviadamente como *Praktikos* (Pôntico, 2003). Em inglês, o texto aparece sob o título *The monk: a treatise on the practical life*.

horas” (Pôntico, 2003, p. 99) — isto é, sob a opressão do demônio da acídia, o tempo é vivenciado como algo terrivelmente aversivo, passando dolorosamente devagar.

Em sua inquietude impelida pelo demônio da acídia, o monge passa a olhar constantemente pela janela. Ele sai da cela para ver se já são quinze horas; ele busca a companhia de algum colega. Mas a acídia se intensifica. Além do desgosto de seu próprio estado de ânimo, o monge passa a ficar desgostoso do trabalho manual e do lugar⁸ em que habita. Diz Evágrio que se, por alguma razão, o monge tiver sido ofendido recentemente por alguém, o demônio usará isto em benefício próprio, de modo a aprofundar o desgosto do monge pelo lugar em que vive. Evágrio escreve:

Ele [o demônio] então o leva [o monge] a desejar outros lugares, onde ele pode encontrar facilmente o que precisa e exercer uma ocupação menos dolorosa, que produz mais; ele acrescenta que agradar ao Senhor não é uma questão de lugar: em todos os lugares, diz-se, a divindade pode ser adorada. Ele acrescenta a isso a memória de seus entes queridos e de sua existência anterior, ele representa para ele como é longa a duração da vida, colocando diante de seus olhos as fadigas do ascetismo; e, como dizem, se levanta com todas as forças para que o monge abandone sua cela e fuja⁹. (Pôntico, 2003, p. 99, tradução nossa)

Enquanto que os outros demônios são passageiros como o sol, que nasce e se põe, o demônio do meio-dia, diz Evágrio, “está acostumado a envolver toda a alma e estrangular a mente¹⁰” (Pôntico, 2003, p. 104, tradução nossa). O confronto com a possibilidade de uma vida longa e difícil de ascetismo — isto é, repetitiva, repleta de fadigas e sob um tempo que resiste a passar — contribui para a formação de uma perspectiva bastante pessimista sobre esse modo de ser. A comparação, por parte do monge, com modos de vida supostamente mais prazerosos ou fáceis aprofunda seu dilema — ou, numa linguagem mais familiar a Evágrio, intensifica a tentação demoníaca.

Em *Oito pensamentos* Evágrio discorre sobre as oito tentações que acompanham a vida ascética, estando a acídia novamente entre elas¹¹. Aqui, esse mal é compreendido como uma

⁸ Aqui, o paralelo com o *horror loci* dos romanos é inevitável. O indivíduo acometido por esse estado passa a rejeitar o lugar em que se encontra. Qualquer outro lugar lhe parece mais desejável do que aquele em que ele efetivamente vive. Na tentativa de atenuar o desconforto e preencher o vazio interior, investe-se tempo, energia e recursos na busca por uma fuga (mesmo que imaginada) desse lugar.

⁹ Para este trecho, especificamente, a tradução para o português foi extraída de Cunha e Moreira (2020, p. 4), com uma pequena alteração no final.

¹⁰ “the noonday demon is accustomed to enveloping the entire soul and strangling the mind.”

¹¹ Há uma importante observação a fazer aqui. O tradutor Robert Sinkewicz enfatiza que, em *Oito pensamentos*, o termo utilizado por Evágrio é sempre “pensamentos”, tal como o título sugere. Ou seja, expressões como “o espírito x” ou “o demônio da x” não aparecem nesta obra. Deste modo, a acídia pode ser considerada como um mau pensamento. Há versões diferentes do texto que, por vezes, recebem o título de *Oito pensamentos malignos*.

forma de preguiça espiritual (um relaxamento da alma que, corroendo o espírito do monge, afrouxa sua resistência às tentações). O indivíduo tomado pela acídia é incapaz de permanecer em sua cela. Ele propõe sair para visitar os enfermos, mas o faz mais por interesse próprio (de aplacar seu tédio) do que pelo desejo genuíno de praticar a caridade. Ele fantasia sobre suas próximas saídas. Enquanto está em sua cela, olha constantemente para a porta e fica imaginando a chegada de algum visitante. Um simples rangido de porta ou qualquer outro barulho são suficientes para fazê-lo abrir a porta da cela, de modo a ver se alguém veio visitá-lo. Em seus momentos de leitura, o acidioso não consegue se concentrar: “...ele boceja bastante e prontamente cai no sono; ele esfrega seus olhos e estica os braços. [...] Mais tarde, ele fecha o livro e o coloca sob a cabeça e adormece...”¹² (Pôntico, 2003, p. 84, tradução nossa).

Para Evágrio, a pessoa acometida pela acídia também é “preguiçosa” em suas orações. Ela “nem mesmo consegue pronunciar as palavras de uma oração”¹³ (Pôntico, 2003, p. 84, tradução nossa). Para o autor, o pensamento da acídia leva o monge a uma espécie de exaustão espiritual: “Assim como uma pessoa doente não pode carregar um fardo pesado, a pessoa afligida pela acídia não realizará uma obra de Deus [com diligência]. O primeiro perdeu a força do corpo e o último dissipou os esforços de sua alma”¹⁴.” (Pôntico, 2003, p. 84-85, tradução nossa)

JOÃO CASSIANO E A FEBRE DA ALMA

O fenômeno da acídia também foi objeto de grande preocupação para o monge João Cassiano (360-435 D.C.), a quem é atribuída a introdução dos primeiros mosteiros na Europa (particularmente, em Marselha). A acídia consta em sua “lista dos oito vícios”, e é discutida no décimo capítulo de seus *Institutos* (*Institutis cenobiorum*¹⁵). Para Cassiano, a acídia¹⁶ é um mal

¹² “...yawns a lot and readily drifts off into sleep; he rubs his eyes and stretches his arms. [...] Later, he closes the book and puts it under his head and falls asleep...”

¹³ “will not even say the words of a prayer.”

¹⁴ “As a sick person cannot carry about a heavy burden, so the person afflicted by acedia will not perform a work of God [with diligence]. The former has lost the strength of his body and the latter has dissipated the exertions of his soul.”

¹⁵ O título completo da referida obra é *De institutis cenobiorum et de octo principalium vitiorum remediis* (em tradução livre, *Sobre as instituições dos mosteiros e sobre os remédios para os oito vícios principais*). Nossa análise baseou-se na tradução inglesa de Boniface Ramsey, da Paulist Press (Cassiano, 2000), bem como no texto original latino (Cassiano, edição da *Biblioteca Regia Monacensis*, disponível em <https://download.digitale-sammlungen.de/BOOKS/download.pl?id=bsb00049493> (Bayerische Staatsbibliothek).

¹⁶ Embora utilize o termo grego *akedia* (*ἀκηδία*), Cassiano não deixa de observar que a acídia também é chamada de “cansaço/tédio” (*tedium*, no original latino, acc.) ou “angústia do coração” (*anxietatem cordis*).

que se aproxima da tristeza¹⁷ e ataca especialmente os “solitários” (em referência aos ascetas). Segundo o autor, o demônio do meio-dia (assim chamado pelos anciões em referência salmo 91 da Bíblia) costuma atacar o monge por volta da sexta hora (12:00), e se configura como uma espécie de febre que queima a alma de sua vítima, assolando-a em intervalos regulares (Cassiano, 2000, Livro X).

O miserável acometido pela acídia odeia a cela em que habita¹⁸, e sua relação com o tempo também é bastante aversiva. Diz Cassiano que o acidioso, “constantemente entrando e saindo de sua cela, [...] olha para o Sol como se este demorasse demais para se pôr¹⁹”. (Cassiano, 2000, Livro X, tradução nossa). Também “desdenha e despreza seus companheiros, tomando-os como descuidados e carentes de espiritualidade” (Cassiano, 2000, Livro X, tradução nossa). Na visão de Cassiano, o acidioso é preguiçoso e inerte em face do trabalho, ao mesmo tempo que não consegue ficar parado em sua cela ou devotar qualquer esforço à leitura. Ele suspira, lamenta, reclama que, no lugar em que se encontra, não consegue extrair nenhum ganho espiritual para sua vida; se queixa de não conseguir edificar o espírito de ninguém, enfim, de não conseguir oferecer qualquer contribuição aos demais. Em vista disso, passa a sonhar com lugares em que seria melhor apreciado, lugares em que — assim pensa — tudo seria mais fácil (inclusive o trabalho manual). Acerca disso, Cassiano escreve:

Ele [o acometido pela acídia] fala muito sobre mosteiros distantes, descrevendo esses lugares como mais propícios ao progresso e mais conducentes à salvação, e também retrata a comunhão dos irmãos lá como agradável e de natureza totalmente espiritual²⁰. (Cassiano, 2000, Livro X, tradução nossa)

Ou seja, para o acidioso (assim como para o indivíduo que vivencia o *taedium vitae* de Sêneca), qualquer outro lugar é melhor do que aquele em que efetivamente se habita. E então, tal como descrito por Evágrio, o abandono do lugar é uma possibilidade que começa a despontar em seu horizonte existencial de modo cada vez mais intenso: “Então ele diz que não pode ser salvo se permanecer naquele lugar. Que deve deixar sua cela e fugir dela o mais rápido que

¹⁷ No original, *tristitia*, vício discutido no livro anterior da mesma obra e que mantém uma relação de proximidade com a acídia.

¹⁸ É interessante observar que, no texto original, as expressões utilizadas são *horrore loci* (abl.) e *fastidii celle*. Em tradução livre: “horror do lugar” e “desgosto da cela”.

¹⁹ “Constantly in and out of his cell, he looks at the sun as if it were too slow in setting.”

²⁰ “He makes a great deal of far-off monasteries, describing such places as more suitable to progress and more conducive to salvation, and also depicting the fellowship of the brothers there as pleasant and of an utterly spiritual cast.”

puder, pois morrerá se permanecer nela por mais tempo²¹.” (Cassiano, 2000, Livro X, tradução nossa). Assim como em Evágrio, a descrição de Cassiano da acídia também contempla a vivência da exaustão:

Então, a quinta e a sexta horas²² despertam tal apatia corporal e tal desejo de comida que ele se sente tão exausto, como se estivesse esgotado em virtude de uma longa viagem e um trabalho muito pesado, ou como se tivesse jejuado por dois ou três dias²³. (Cassiano, 2000, Livro X, tradução nossa)

SÃO CRISÓSTOMO E A *ATHYMIA* DE ESTAGÍRIO

Uma versão ainda mais violenta do sofrimento monástico evidenciado na acídia é abordada pelo asceta São Crisóstomo, em seu *Tratado de Exortação a Estagírio, atormentado por um demônio*²⁴. Nele, Crisóstomo escreve uma resposta ao amigo monge, um solicitante desesperado de ajuda contra o que ele compreende ser um ataque demoníaco, o qual provocou sua *athymia* (ἀθυμία)²⁵. Após abandonar uma vida repleta de privilégios para se dedicar à vida monástica, Estagírio começou a padecer terrivelmente. Seu sofrimento incluía pesadelos, desmaios, convulsões e discurso desorganizado; o monge ainda se queixava de desespero, além de manter constantemente pensamentos autodestrutivos. Em sua exortação, Crisóstomo inverte a ordem causal e defende que não é o demônio o causador da *athymia* do amigo, mas o oposto:

²¹ “Thereupon he says he cannot be saved if he remains in that place. He must leave his cell and get away from it as quickly as he can, for he will perish if he stays in it any longer.”

²² 11:00 e 12:00 hs, respectivamente.

²³ “Then the fifth and the sixth hours arouse such bodily listlessness and such yearning for food that he feels as worn out as if he had been exhausted by a long journey and very heavy labor or as if he had put off eating for the sake of a two or three-day fast.”

²⁴ O título completo do original grego é Λόγος παραινετικός πρὸς Σταγείριον ἀσκητὴν δαιμονῶντα (PG 47: 423–94), geralmente conhecido pelo título latino *Ad Stagirium a daimone vexatum*. Nosso acesso aos trechos de interesse se deu através da análise realizada por Wright (2015), feita a partir da tradução do texto original pela própria autora.

²⁵ Como observa Toohey (1990, p. 241), embora ἀθυμία seja o termo utilizado por Crisóstomo em sua exortação, a condição de Estagírio é comumente interpretada como um caso de acídia (ou melancolia). O termo grego ἀθυμία pode ser traduzido como “desânimo” ou “abatimento”. A *athymia* abordada por Crisóstomo nos convida a considerar os entrelaçamentos entre acídia e a melancolia. Na clássica obra sobre melancolia *Saturn and Melancholy: studies in the history of natural philosophy, religion and art*, Klibansky. Panofsky e Saxl (2019) abordam o que chamam de “melancolia monástica”, da qual a descrição de Crisóstomo é, segundo os autores, a mais “detalhada e penetrante” (Klibansky. Panofsky e Saxl, 2019, p. 76, tradução nossa). Os estudiosos reconhecem a identificação entre essa forma de sofrimento a acídia (especialmente quando a melancolia é abordada sob o prisma moral e, deste modo, tomada como vício ou pecado). No prefácio da obra, Klibansky. Panofsky e Saxl constataam a ambivalência do termo “melancolia” e observam que, embora os dois conceitos possuam origens bem diferentes (isto é, acídia e melancolia, respectivamente), nem sempre os cristãos souberam distingui-los adequadamente.

a *athymia* de Estagírio (impulsionada por uma má *doxa*²⁶) funciona como um solo fértil no qual o demônio ganha poder e, em consequência disso, fortalece seus ataques. Em relação aos impulsos suicidas de Estagírio, por exemplo, Crisóstomo escreve:

Mas esse [impulso suicida] não é o conselho apenas daquele [demônio], mas também da sua *athymia*, e desta mais do que daquele; na verdade, talvez apenas desta. Pois está claro que muitos desejam isso sem serem atormentados por demônios, mas apenas em virtude da tristeza. [...] Não é o demônio que move a *athymia*, mas ela [a *athymia*] que fortalece o demônio e que introduz os pensamentos malignos²⁷. (Crisóstomo, como citado por Wright, 2015, p. 360, tradução nossa)

Como observa Wright (2015), a *athymia* funciona como uma espécie de porta de entrada para os ataques demoníacos relatados por Estagírio, o que desloca a responsabilidade do demônio para este último (em última instância, o verdadeiro responsável pela saúde de seu próprio espírito). A exortação de São Crisóstomo a Estagírio enfatiza a participação da escolha, da vontade e, portanto, da liberdade no sofrimento espiritual que acompanha o asceta em sua jornada em direção à salvação. No lugar de um ataque demoníaco, a condição descrita por Crisóstomo pode ser compreendida como um mal que se origina no próprio indivíduo: ele brota do seio das opiniões, valores e condutas do sofredor. E assim, é impossível desvincular a aflição de Estagírio da sua própria vontade — entendida aqui como possibilidade de ser não pré-determinada.

Nosso breve caminho através da acídia nos permitiu contemplar uma forma de sofrimento que, embora nascida nos primeiros cenóbios cristãos oriundos dos desertos da África, atravessou mares e séculos, ocupou teólogos, religiosos e estudiosos seculares. O “demônio do meio-dia”, inicialmente considerado um mal reservado especialmente àqueles que se dedicam ao monasticismo, recebeu atenção da literatura, da filosofia e da arte. Em virtude da amplitude dos relatos, os quais encontram-se espalhados pelo tempo e pelo espaço, é possível afirmar que a acídia constitui-se num fenômeno que varia em intensidade: de um tédio “simples” (porém persistente e crônico) a um tédio existencial; da mera preguiça ou inércia à exaustão geral; do desânimo espiritual ao completo abatimento; do desespero às ideias

²⁶ No contexto em questão, “más convicções, opiniões ou valores”. Na exortação, Crisóstomo aborda a preocupação excessiva de Estagírio com a opinião alheia, além da preocupação excessiva deste com sua própria reputação, por exemplo.

²⁷ “But this [suicidal impulse] is not the counsel of that [demon] alone, but of your *athymia* also, and of the latter more than the former; indeed, perhaps of the latter alone. For it is clear that many desire this without being harassed by demons, from grief alone. [...] “It is not the demon which moves *athymia*, but [*athymia*] which makes the demon strong, and which introduces the wicked thoughts.”

suicidas. Toohey, por exemplo, afirma que “a acídia representa um *continuum*. Ela abrange condições que [hoje em dia, a partir de nosso horizonte histórico] descreveríamos como frustração, tédio e depressão²⁸.” (Toohey, 1990, p. 347, tradução nossa)

CONCLUSÃO

O percurso realizado ao longo deste estudo permitiu vislumbrar a acídia como uma das expressões mais densas do sofrimento espiritual nos primórdios do cristianismo. Longe de ser um tema restrito ao monasticismo, a descrição da acídia toca em aspectos universais da condição humana: o peso do tempo, a fadiga do espírito, a sensação de inutilidade e o desejo de fuga. Evágrio, Cassiano e Crisóstomo, cada qual à sua maneira, reconheceram no “demônio do meio-dia” não apenas uma ameaça exterior, mas uma experiência interior que desafia a liberdade e a responsabilidade do indivíduo diante de sua própria vida.

Seja descrita como preguiça espiritual, como febre que queima a alma ou como desespero que abre as portas ao suicídio, a acídia mostra-se como um fenômeno polissêmico e persistente. Sua longa trajetória, atravessando séculos e discursos, revela que o problema do tédio e da falta de sentido não pertence apenas à modernidade, mas já se enraizava nos desertos da Antiguidade cristã. Assim, compreender a acídia é também compreender algo de permanente na condição humana: a luta contra a aridez do tempo, contra a tentação do abandono e contra o esvaziamento da vida de sentido.

REFERÊNCIAS

BERTONI, S. G. **Acídia**: o vírus que mata o amor. São Paulo: Paulus, 2018.

CASSIANO, J. **The institutes**. Tradução: Boniface Ramsey. Organização: Dennis D. McManus. New York: Paulist Press, 2000.

CASSIANO, J. **De institutis cenobiorum et de octo principalium vitiorum remediis**. Bibliotheca Regia Monacensis. Texto digitalizado por Digitale Bibliothek/Münchener Digitalisierungszentrum. Disponível em: <https://download.digitale-sammlungen.de/BOOKS/download.pl?id=bsb00049493>. Acesso em: 10 ago. 2023.

²⁸ “*Acedia represents a continuum. It encompasses the conditions we would describe as frustration, boredom, and depression.*”

KLIBANSKY, R.; PANOFSKY, E.; SAXL, F. **Saturn and melancholy**: studies in the history of natural philosophy, religion, and art. Québec: McGill-Queen's University Press, 2019.

KUHN, R. C. **The demon of noontide**: ennui in Western literature. Princeton: Princeton University Press, 1976.

PLUTARCO. **Plutarch's lives**. Tradução: Bernadotte Perrin. Vol. IX. London: Harvard University Press, 1920.

PÔNTICO, E. **Evagrius of Pontus**: the Greek ascetic corpus. Tradução: Robert E. Sinkewicz. New York: Oxford University Press, 2003.

ROS VELASCO, J. **La enfermedad del aburrimiento**. Madrid: Alianza Editorial, 2022.

SÊNECA, L. A. **Sobre a tranquilidade da alma**. Edição bilíngue. Tradução: Alexandre Pires Vieira. São Paulo: Montecristo Editora, 2020.

SÊNECA, L. A. **Cartas de um estoico**: um guia para a vida feliz. 2. ed. Vol. 1. Tradução: Alexandre Pires Vieira. São Paulo: Montecristo Editora, 2021.

TOOHEY, P. Some ancient notions of boredom. **Illinois Classical Studies**, v. 13, n. 1, p. 152-164, 1988.

TOOHEY, P. Acedia in late classical antiquity. **Illinois Classical Studies**, v. 15, n. 2, p. 339-352, 1990. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/23064296>. Acesso em: 20 ago. 2023.

WRIGHT, J. Between despondency and the demon: diagnosing and treating spiritual disorders in John Chrysostom's letter to Stageirios. **Journal of Late Antiquity**, v. 8, n. 2, p. 352-367, 2015.